

Educação a Distância: (In)Definições, Tecnologias e Modelos

Gabriele Greggersen¹

¹ Graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Filosofia e História da Educação pela FE-USP, atuando na Universidade Aberta do Brasil (UAB) no Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) e na Escola Superior de Educação Aberta do Brasil (ESAB). Endereço: Rua Antenor Borges, 210, apto 413, Canasvieiras, CEP 88054-070 Florianópolis – S.C.

Resumo:

O artigo discute conceitos e noções importantes ao campo da Educação a Distância (EaD) e alguns modelos possíveis a partir desses conceitos, problematizando-os à luz da didática, da filosofia da educação e da realidade da educação a distância no Brasil.

Palavras-Chave: Educação à Distância (modelos), Didática, Filosofia da educação

Abstract:

This article aims to discuss some important concepts and ideas in the distance educational areas and some possible models based on those concepts, which will be discussed in a didactic and philosophical approach to Brazilian educational realities.

Key-words: Distance Education (models), Didactics, Educational Philosophy.

1. Conceitos-chave e problematização

Vivemos uma época de mudanças: nos meios de comunicação, no trabalho, nos hábitos cotidianos, nos relacionamentos em especial familiares, no lazer, até mesmo nos valores e na religiosidade.

Para efeitos desse artigo, voltaremos nossa atenção para a mudança nas relações do ser humano com o conhecimento e assim também com a educação, com base em alguns conceitos e modelos.

Alguns têm chamado a nossa a “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento” e até de “sociedade virtual” ou “cibernética”, de crescente “desterritorialização” (Lèvy).

Na sociedade da informação, vivemos as contradições da saturação de informações que exigem novas competências de acesso, avaliação e gestão da informação e lança cada vez mais pessoas na ignorância dos saberes profundos e não-utilitários, como da literatura clássica, para a qual não resta tempo. Então, tudo indica que, de uma forma ou de outra, o *conhecimento mais elaborado*, que envolve o sujeito como um todo está sendo substituído pelo acesso cada vez mais veloz às *informações* necessárias para que ele se mantenha competitivo. Então cabe antes de tudo, distinguir *informação* e *conhecimento*, sem qualquer pretensão de esgotamento ou precisão.

A informação aproxima-se do *dado* na medida em que depende dele para a contextualização da informação. Por exemplo, a informação de que a educação fundamental brasileira vai mal, se quiser ser dotada de credibilidade, precisa fundamentar-se nos dados, por exemplo, dos resultados do SAEB ou do ENEM. Assim, para serem de alguma utilidade, dados e Informações precisam interagir ou se retroalimentar a fim de alçar ao conhecimento.

Outro exemplo são as notícias do jornal, que são interpretadas de maneira diversa pela população e pelo comentarista ou profissional que se encarregou daquela matéria.

Mas o exemplo clássico é o da medicina. O médico colhe dados do paciente para, à luz de seus conhecimentos, interpretá-los em solicitações (informações) que são passadas para o laboratório, que as decodifica para realizar o tipo de exame solicitado. Uma vez colhidos, esses dados voltam às mãos do médico que os traduz para chegar a um diagnóstico, que expressa o conhecimento tanto do médico, mas agora também do seu paciente, uma vez que o tenha inteirado da solução para o problema de saúde.²

² Tenho observado a preocupação dos médicos em instruir ou até “ensinar” ao paciente os detalhes de sua doença, quem sabe dado precisamente à crescente disponibilização de informações na web. Mas também há os que partem do pressuposto de que não é mais do que a obrigação do paciente estar ciente do assunto, limitando-se a informar o paciente, sem correr os riscos e tempo envolvidos no ensino.

Assim, chamamos de *conhecimento* o saber dotado de significado ou sentido, elaborado a partir do dado, processado em informação. Assim, o conhecimento é construído individual ou coletivamente, a partir de dados e informações que são trabalhados no contexto da experiência e das interações entre pessoas, pelo que se tornam *significativas* e *vivenciais*.

A novidade dos tempos pós-modernos é que os lugares onde se buscava o conhecimento como enciclopédias, livros e bibliotecas físicas ou aulas presenciais, têm sido em parte substituídas pelo espaço “virtual” ou cibernético. Como elucida Santos (on line):

O prefixo *ciber* tem sua origem na “raiz grega *Kubernetes* = “arte do controle”, da pilotagem, da governança. Hoje, está ligado às tecnol. digitais, que se traduzem, paradoxalmente, pela magia (abolição da dimensão clássica de tempo e espaço) e também pela agregação (societária e comunitária).

Belloni (2001, 65) acrescenta que se trata de um:

termo originário da ficção científica que serve cada vez mais para descrever e delimitar o espaço virtual de *comu.* e *inform.* onde se cruzam e ‘interagem’ seres virtuais, conhecimentos científicos e informações prosaicas da vida cotidiana. Quando usamos as redes informáticas para efetuar operações bancárias, reservar hotéis e passagens de avião, ou para mandar mensagens via e-mail, estamos ‘viajando’ no ciberespaço.

Mas o que significa *virtual* e qual a sua relação com o *real*? Em seu interessante artigo sobre o assunto, Souza (on-line) fez um levantamento dos sentidos que encontrou para o virtual no mundo ocidental geral:

- O que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual
- Que não existe como realidade, mas sim como potência ou faculdade
- O que é suscetível de se realizar, potencial, possível
- Que equivale a outro, podendo fazer às vezes deste, em virtude ou atividade
- O que está predeterminado, e contém todas as condições para sua realização

Mas particularmente na acepção anglo-saxônica, temos as seguintes definições:

- Algo que embora não exista estritamente, existe em efeito

- Algo que é tão próximo da verdade que para a maioria dos propósitos, pode ser considerado como tal
- Algo que existe em essência ou efeito, embora não seja formalmente reconhecido e admitido como tal
- Algo cuja existência só pode ser inferida por uma evidência indireta ³

O autor lembra ainda que, no latim, a palavra tem como radical *virtus* que significa *virtude, força, potência*; o que imediatamente nos transporta para a *ética*, que faz pertence ao campo da filosofia, principalmente da *ética clássica das virtudes aristotélicas*. Em “Estar certo enquanto Homem: as virtudes cardeais redescobertas”, o filósofo e teólogo alemão Josef Pieper (on line) retoma a *ética Aristotélica pela vertente tomista*, de maneira acessível e atualizada.

Muitos usam filmes surrealistas como *Homens de Preto*, *Blade Runner* e *Matrix*, para denunciar a pretensa dissolução do real no virtual, pelo que estariam reduzindo a existência humana a “ilusões”.

Entretanto, se deixarmos de lado a interpretação “literal” de tais histórias, longe de estarem divorciando a humanidade do ideário da excelência, do “código de honra” dos cavalheiros, eles podem representar uma oportunidade poderosa para resgatá-los. Pois o que ameaça a dignidade humana não são em primeira instância os produtos da fantasia humana, mas a realidade dos fatos. É claro que filmes, livros, computadores e a própria internet podem servir de meios para o mal, como quaisquer meios. Mas os meios jamais poderão ser bons ou maus em si, a não ser que se “encarnem” em entidades, pelo que novamente ingressamos no campo da ficção e do fantástico.

Além da *ética*, outro campo filosófico implicado no virtual é o da *epistemologia*, ou seja, da teoria do conhecimento. Ela se depara hoje com a “balconização” não tanto das palavras em si, mas dos seus significados, das idéias, que passam a ser barganhados como em um “mercado”.

³ Conf. SOUZA, Renato Rocha, “O que é, realmente, o virtual?”, disponível em <http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html>, acesso em 06.05.2009.

Mas para quem conhece um pouco da história das idéias notará que não é a primeira vez que ocorre a “mercantilização” das idéias. Os sofistas gregos a praticavam sem censura, os mercantes que Jesus teve de expulsar do templo entre outros exemplos. A diferença é que hoje contamos com uma tecnologia sofisticada e fascinante do ponto de vista humano, que pode roubar a cena e papel dos maiores mestres e profetas de todos os tempos.

Um exemplo radical disso é a palavra “amor”, que no linguajar das culturas ocidentais está em grande medida reduzido a “fazer amor”, ou seja, ao sexo. São incontáveis os exemplos do desgaste de palavras outrora cobertas de dignidade humana, como a *prudência*, uma das mais preciosas virtudes por toda a filosofia, no seu sentido de *sabedoria*, que virou sinônimo de “inação” ou de “estar em cima do muro”. Com isso, a própria filosofia acabou correndo o risco de esvaziamento, desde a sua raiz etimológica, *sofia*, que significa nada mais do que *sabedoria*.

Nesse sentido, Lèvy refuta aquelas acepções que estabelecem uma dicotomia entre o virtual e o real, apelando para o sistema ou metafísica aristotélica que se dá entre os extremos “ato” e “potência”.

Para o estagerita, que frequentemente se vale de metáforas da física mecânica para dar explicação ao universo, *Ato Puro*, só existe um, que é Deus. Ele foi o *Primeiro Movedor*, o seja, aquele que pôs todas as coisas em movimento como num efeito dominó, e isso, “do nada” (*ex nihilo*). Isso não significa já que nós, seres mortais, e todo resto do universo sejamos “potência pura”. Somos antes uma mistura de ato e potência, a caminho de “atualização” ou “aperfeiçoamento” de potenciais, chegando ora mais próximos da excelência de nós mesmos, ora mais distantes.

Então, o virtual nada mais é do que o “possível”, aquilo que poderia (ou até deveria) ser, mas (ainda) não é, ainda não existe e é, por assim dizer, latente. Ou seja, o virtual é o que está no “limbo” das realizações. Trata-se do “complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução, a atualização”. (Lèvy, *apud* Souza, 1996, 16).

Souza resume a conceituação de Lèvy no seguinte quadro:

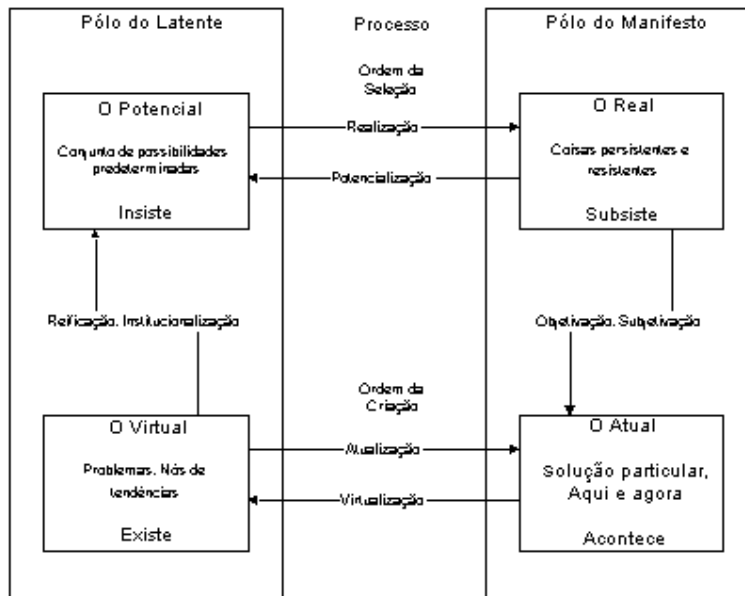


fig.1 – As relações entre os quatro pólos, segundo Lèvy

Em seguida, Souza parte para uma crítica ao sistema de Lèvy, sugerindo que o virtual não poderia existir no presente, pelo que se tornaria um possível impossível, o que seria absurdo. Então o termo só tem aplicabilidade no futuro, às vezes distante, mas necessário à sua realização. Do contrário, estaria se recaindo em um dos dois equívocos (ou ambos): a *contradição* ou o *determinismo reducionista*. O que Lèvy estaria deixando de considerar é que:

Espaços virtuais ampliam e amplificam o intelecto, mas em última instância, mesmo que extrapolado em suas possibilidades interacionais com as coletividades, este mesmo intelecto continua a sediar a consciência. Alguém poderia afirmar então que, dada a ausência de ligação biunívoca entre estruturas neuronais e consciência, pensamento algum *nunca esteve presente*.

O “transbordamento” das fronteiras do aqui e agora, e até inversão do interno e externo, do público e particular, do universal e do particular no pensamento ocidental tem sido a marca registrada dos ciber... cada vez mais diversificados. Outro termo cunhado por Lèvy está rompendo as fronteiras da linearidade. Numa ampliação de seu conceito de virtualização, Lèvy reconhece três

dimensões do *ciberespaço*: o *técnico* (tangível), o do *senso comum* (do possível latente) e o *filosófico* (intangível – que mesma chamaria de *transcendente*).

Sobre essa trílice caracterização, Souza comenta a “Realidade Virtual fascina porque, ao mesmo tempo, reúne a tecnologia, o intangível e o potencial, que se manifestam na experiência de imersão.” (idem)

O autor parte então para seu próprio sistema do virtual e do atual, do qual infere a seguinte conceituação que ele mesmo reconhece ser apenas o primeiro passo de uma longa caminhada a enfrentar no terreno.

Do quadro, podemos perceber o progressivo abandono dos significados tradicionais do virtual nas construções da modernidade, e o estabelecimento quase unânime de um virtual que parece:

- Possibilitado pela tecnologia
- Desterritorializado, ou seja, não acontece em um lugar definido

ao mesmo tempo em que, se observa a fraca aplicação, para os exemplos escolhidos, dos termos:

- Possível, potencial
- Predeterminado

Desta forma, o gradiente do campo do sentido aponta para a tecnologia, distanciando-se de seu berço filológico, o que indica que devemos encontrar problemas para atingir um fechamento conceitual lato. Antes, devemos restringir nossa busca pelo sentido do virtual num mundo dominado pela Tecnologia de Informação.

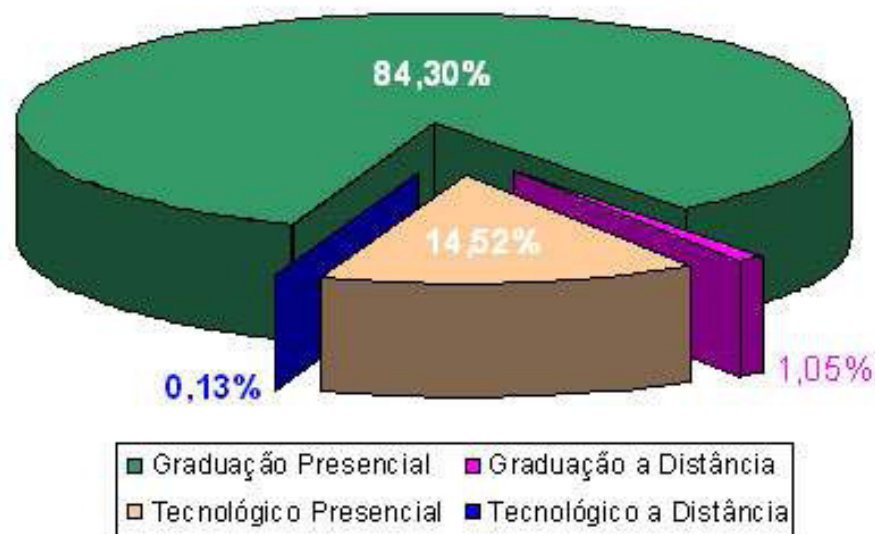
O que nos importa reter dessa abordagem de Lèvy quanto ao virtual é sua importância para a educação e preparação das gerações chamadas “digitais” para um mundo em franca “virtualização”, muitas vezes sem ter desenvolvidas as virtudes ou formação ética adequada para lidar com esse novo cenário. Para isso, o eminente pensador propõe o desenvolvimento de procedimentos ou metodologias de reconhecimento dos saberes adquiridos na vida social e profissional dos alunos.

São pelo menos três as constatações de mudança da relação com o saber, ocasionadas pela cultura informática ou das TIC’s:

- A velocidade de aparição e de renovação dos saberes;

- As mudanças na natureza do trabalho e das relações de trabalho;
- As formas como as tecnologias intelectuais ampliam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas.
- Isso tem importantes implicações para a educação, tendo em vista a penetração ou imersão crescente das TIC's na mesma, como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 1. Cursos Superiores: Brasil - 2007



2. Método e tecnologia

A palavra grega *methodos*, que significa “caminho”, era em outros tempos uma das disciplinas da Filosofia, considerada a matriz de todos os saberes.

Podemos defini-lo como o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permite alcançar um ou mais objetivos com o máximo de segurança e parcimônia. Tais procedimentos são traçados visando à obtenção de conhecimentos – considerados válidos e verdadeiros, ao menos para uma comunidade - e à solução de problemas.

A boa metodologia (de estudo, pesquisa ou produção – artifício) detecta erros, que passariam despercebidos numa linha de produção, por exemplo, e orienta o cientista para o sucesso nos seus objetivos.

Os métodos recebem nomes diferentes, de acordo com a abordagem e campo do saber (no caso da ciência, falamos de “método científico”). Eles são as ferramentas mais antigas da humanidade, que não tem outra forma de conhecer, se não, por *meios* ou *mediadores* foi convencionada a ser chamada de *tecnologia*.

Linard também os conceituou “conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular” (*apud* Belloni, 2001, 53).

No caso da educação, trata-se de meios ou mediadores pedagógicos, sendo que o principal e mais significativo deles é o próprio ser humano, que, como procuraremos demonstrar adiante, é insubstituível no processo educacional. A metodologia ou tecnologia específica de aprendizagem faz parte de um campo mais amplo, mas não menos ligada à filosofia denominada *didática*. Não é para menos que aquelas tendências que valorizam a ciência ou tecnologia como mediadores exclusivos ou mais eficientes do aprendizado são chamadas de *tecnicistas*⁴.

3. O campo da educação a distância (EaD)

Um dos mais recentes campos da tecnologia educacional chama-se EaD, modalidade educacional, pautada pelos seguintes objetivos:

- democratizar o acesso à educação;
- remover barreiras tradicionais à educação, principalmente espaço-temporais, mas também pedagógicas;
- permitir ao aluno estudar **o que, quando e onde** quiser.
- usar de uma diversidade de meios tecnológicos para a criação de uma solução sob medida às demandas do contexto.

⁴ O tecnicismo que se pauta basicamente pelos estudos de Skinner e seus colaboradores é também conhecido como Tendência Skinneriana, Behaviorismo ou Comportamentalismo.

Peters (2004) situa a EaD no contexto de revoluções educacionais, desencadadas por uma série de outras revoluções anteriores ou ainda em processo:

- Educação de Adultos (ou Andragogia) e Movimentos de Base contra o analfabetismo adulto;
- Educação Permanente/continuada;
- Movimentos de “Educação para Todos”;
- Cálculos e estudos do custo/benefício das tecnologias aplicadas à educação;
- Número crescente de pesquisas na área, que acabam com certos preconceitos (como de redução da qualidade);
- O desenvolvimento de “métodos centrados na abertura do acesso à educação e formação’ libertando os alunos das limitações do tempo e do lugar, e oferecendo oportunidades de aprendizagem flexível a indivíduos e grupos de alunos” (Moore e Tait, 2002, 7).

Podemos resumir a evolução da EaD ao longo da história no seguinte quadro:

Terminologia mais usual	Período aprox. de predomínio
Ensino por correspondência	Desde a déc. de 1830, até as três primeiras décs. do séc. XX
Ensino ou educação a distância; educ. permanente ou continuada	Décadas de 1930 e 1940
Teleducação (rádio e TV)	Início da 2ª metade do séc. XX
Educação aberta e a distância	Final da déc. de 60 (ICDE e Open University, Reino Unido)
Aprendizagem a distância; aprendizagem aberta e a distância.	Décadas de 1970 e 1980
Aprendizagem por computador	Década de 1980

E-learning; aprendizagem virtual, EaD	Década de 1990
Aprendizagem flexível	Virada do séc. XX e 1 a. do XXI

Assim, podemos incluir na EaD toda a:

atividade pedagógica caracterizada por um processo de ensino-aprendizagem realizado com mediação docente e com a utilização de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes TIC (Filatro, 2004, 47).

Entre as características da EaD, podemos citar:

- Assincronia entre as ações dos professores e estudantes, viabilizada pela mediação humana e/ou tecnológica;
- Comunicação bidirecional e em tempo real (síncrona), viabilizada por diversos recursos de comunicação;
- Autoria dos materiais didáticos por especialistas das respectivas áreas de conhecimento;
- Emissão e recepção de mensagens educativas pela utilização de diversas linguagens;
- Aprendizagem autônoma;
- “Democratização do ensino...alunos geometricamente distantes de instituições educativas têm possibilidade de investir em sua formação.” (Sartori e Roesler, 27)
- Mediação humana por equipes de profissionais que compõe um sistema tutorial.
- Mediação tecnológica com recursos de comunicação e informação proporcionando recepção e emissão de mensagens, diálogo entre os interlocutores, reduzindo a necessidade de presença física.
- Diferentes linguagens em uso na gestão da aprendizagem, gerando interatividade e desenhos pedagógicos diferenciados.
- Ter a comunicação e seus processos e teorias como de importância central nos processos de planejamento e organização do trabalho pedagógico (SARTORY, ROESLER).

- Uso da interatividade⁵ e interação⁶ com elemento essencial do processo de aprendizado. Caracterização dos meios

Os meios usados para EaD ou objetos de aprendizagem são cada vez mais variados:

- manuais impressos (correio);
- cassetes ou CDs de áudio e vídeo;
- o rádio e televisão (ao vivo ou não);
- a Web; AVA's com hipertextos; Imagens; Filmes; Vdeo-aulas, Aulas em vídeo; áudios; Teleconferência; etc.
- E-livros; etc.

Embora não existisse modelo único, é possível mapeá-los de acordo com sua ideologia ou postura filosófica, como a seguir:

Modelo Fordista – reflete a org. industrial de produção de escala. Instituição é fornecedor de grande porte especializado do produto.

Modelo Pós-Fordista – reflete modelos mais flexíveis, integrados e abertos de aprendizado e currículos, com mais invest. em NTIC's, mais diversidade na didática e avaliação com mais responsabilidade e autonomia na tomada de decisões.

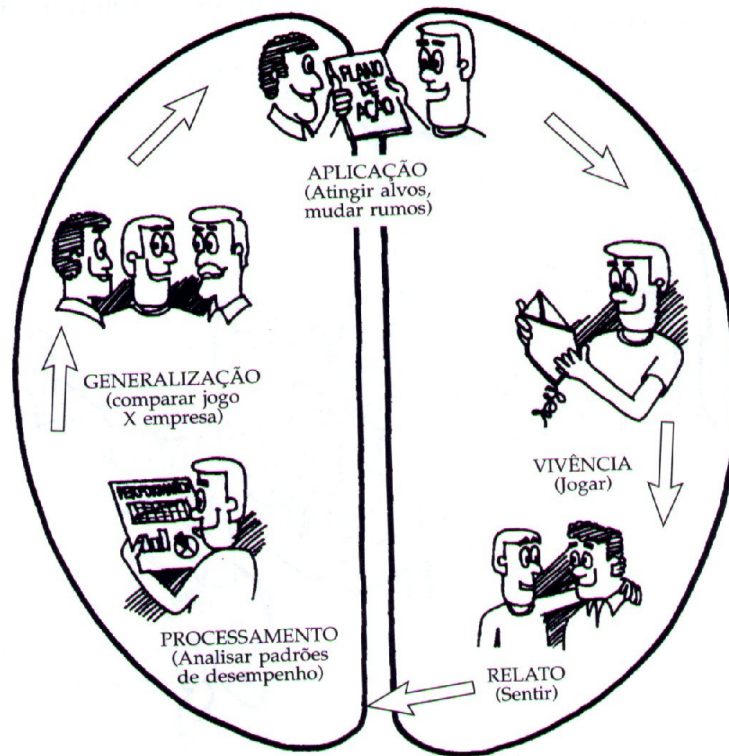
Peters (2001) arrola os modelos que temos hoje, destacando que nenhum deles é desprovido de perigos:

Modelo da correspondência – o mais antigo e tradicional (epistolar), cuja eficiência depende da qualidade do material escrito e da eficiência do serviço de correio – centrado no professor. Pode ser adaptado ao sistema da tele-estudo, telecursos ou teleconferências. Esse modelo corre o perigo da mesmice e do tradicionalismo.

⁵ “...de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (...CD-ROM's de consulta, hipertextos em geral, ou jogos informatizados), e, de outro, a atividade uma, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma 'retroação' da máquina sobre ele.”(idem, 58)

⁶ ação recíproca entre dois ou mais sujeitos, que estabelecem um espaço de *intersubjetividade*, que pode se dar direta ou indiretamente (mediatizada por veículo técnico de comunicação...).

Modelo da conversação – escrita mais aproximada da fala, numa conversação *virtual* ou *interior*. Ambos interlocutores desse diálogo devem ser motivados pelo interesse pessoal. Regra para apresentação: empatia e forma de abordagem. Esse modelo incorre no perigo de reducionismo e de simulacro ou “faz de conta”.



Modelo professoral – transferência dos efeitos de uma aula expositiva para o papel – despertar de atenção/interesse; a partir de conhecimentos prévios; foco em objetivos; clareza; didática; aconselhamento; feed-back; exercícios de auto-avaliação e aplicação. O risco do modelo é o de paternalismo/assistencialismo (compensação de déficit), empirismo e didatismo.

Modelo tutorial – (provenientes da Inglaterra). Tutores mais conselheiros, do que professores, assistência a *fellows* em questões gerais, acompanhamento do desenvolvimento de cada aluno. Esse modelo se destaca pelo desenvolvimento do estudo autônomo. Porém, mais uma vez, o perigo é o de recair em paternalismo.

Modelo tecnológico de extensão – Composto por aulas na universidade com presença. Envio de áudio cassetes das aulas aos alunos à distância. Envio do mesmo material (polígrafos e livros didáticos) dos alunos presenciais. Mesmo o material adaptado aos alunos à distância costuma não funcionar à distância. Corre-se aqui o risco de evasão, por falta de reconhecimento de sua especificidade e atendimento às suas necessidades peculiares.

Modelo da distância transacional – Distingue entre distância física e psíquica ou comunicativa, sendo que a segunda é a transacional, que mede o nível do diálogo e da interação. É influenciado pelo nível de estruturação do programa. Quanto mais estrutura, menos transacionalidade. Quanto mais abertura e flexibilidade, mais interação (Carl Rogers). Perigo da confusão entre educador e terapeuta. Proximidade exagerada prejudica o estudo autônomo (estudo dirigido).

O autor mesmo resume:

No fundo sequer se trata de ensino a distância, mas, sim, apenas da ampliação do alcance do clássico ensino com presença. Todavia, ele merece consideração especial, ainda que crítica, por ser praticado atualmente de novo com o recurso de meios eletrônicos em escala crescente, pois, no fundo a sala de aula virtual...e todas as variantes de teleconferência trabalham conforme o mesmo princípio, apenas em um nível comunicativo tecnicamente mais exigente e mais elevado. Até mesmo quando se interligam vários grupos de estudantes geograficamente distantes entre si por meio da TV a cabo ou por satélite... está se empregando esse modelo. (Peters, 2001, 62)

O autor, Wilson Azevedo, que já se tornou uma das referências brasileiras no assunto, comenta: “a aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais oferece o modelo mais adequado à educação on-line.” (on-line).

Na sua concepção, os elementos constitutivos comuns a grande parte dos modelos, formando a "espinha-dorsal" dos cursos online são:

- *troca assíncrona* de mensagens individuais ou em grupo;
- *acesso* a materiais de curso;
- *eventos interativos em tempo real*.

Outro grande especialista brasileiro em artigo recente, Moran (2009), após enumerar essas possibilidades de maneira ampla e detalhada, baseada na sua experiência como avaliador de cursos do INEP, aponta como um dos maiores problemas da EaD no Brasil (entre outros) o fato de que:

...os modelos costumam caminhar para certa simplificação, um nível de exigência menor que o inicial, diante de demandas grandes. A avaliação presencial tende a ser feita na forma de prova, em geral de múltipla escolha, o que levanta dúvidas se esse instrumento é eficaz para verificar a aprendizagem significativa. O argumento de alguns responsáveis por EAD é que no presencial também acontece a banalização do ensino e que é difícil avaliar milhares de alunos simultaneamente com provas dissertativas. As críticas ao presencial mal feito não eximem a EAD de tentar formas de avaliação mais formativas do que somativas e conteudísticas.⁷

A nosso ver, tal situação deve-se em grande parte à herança dos primeiros cursos a distância, em geral técnicos, que seguiam a chama “instrução programada” e do tecnicismo que a aplicação das TIC’s pode vir a favorecer, se não passar pelo crivo do debate amplo e crítico-reflexivo.

Raramente se avalia “no processo” ou se apresentam propostas de avaliação dissertativas ou holísticas ou de auto-avaliação, que tão bem combinam com as possibilidades reais oferecidas pelos ambientes de aprendizado virtual e suas ferramentas.

No artigo referido artigo, depois de um interessante de como a EaD vem influenciando o ensino presencial e vice-versa, Moran conclui:

Reconhecendo as inúmeras vantagens da educação a distância, continuo preocupado com os modelos da maioria dos cursos focados, tanto a distância como presenciais, mais no conteúdo do que na pesquisa; na leitura pronta mais do que na investigação e em projetos. O ensino superior, tanto no presencial como no a distância, reproduz, ainda, um modelo inadequado para a sociedade da informação e do conhecimento, onde nos encontramos. Com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de

⁷ Moran, José Manuel, “Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil”, disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>>, acesso em 24.06.2009.

presença e distância se altera profundamente e as formas de ensinar e aprender também. *Estamos caminhando para uma aproximação sem precedentes entre os cursos presenciais (cada vez mais semi-presenciais) e os a distância.* Os presenciais começam a ter disciplinas parcialmente a distância e outras totalmente a distância. E os mesmos professores que estão no presencial-virtual começam a atuar também na educação a distância. Teremos inúmeras possibilidades de aprendizagem que combinarão o melhor do presencial (quando possível) com as facilidades do virtual.⁸

A suposição de que a EaD não passa do ensino seja tradicional, seja tecnicista, incrementado pela tecnologia infelizmente torna desmotivantes as perspectivas da EaD e muitos professores se sentem impotentes diante das muitas novidades e novos desafios, novas siglas, para as quais estão despreparados. Tendem assim a encará-las simplesmente como ameaçadoras ou *modas* passageiras. Muitos optam, assim, por esperar a tempestade passar com as cabeças enfiadas na areia e a consciência de que ela não passará tão cedo.

Considerações finais:

Da apresentação de alguns dos muitos modelos de EaD existentes, podemos concluir que a cada novidade, a cada novo ambiente, novas indagações e preocupações vão surgindo.

Uma das mais freqüentes é: Se o ensino passa a ser tarefa coletiva, comunitária, como fica o papel do professor, reduzido a funções de liderança de uma comunidade em que os alunos não apenas **aprendem**, mas também se **ensinam** mutuamente e, por que não, inclusive o professor. Um tutor ou monitor já não seria suficiente para isso?

Quanto ao *design* e construção coletiva do curso, pergunta-se: Como gerir cursos cada vez mais abertos e não-programados, que ganham em flexibilidade, perdendo a oportunidade de geração de materiais fixos e homogêneos? O que fazer com todo o material obsoleto, gerado em outros momentos de discussão comunitária, pesquisas coletivas e trabalho colaborativo. Ou seja, como lidar com o caráter efêmero dos cursos e os custos nisso implicados?

⁸ Idem.

Peters (2004, 238) nos oferece uma pista para a resposta a essa pergunta:

Para compreender o significado de aprendizagem virtual, deve-se notar que o processo de aprendizagem em si nunca é virtual, mas sempre bem real. No entanto, pode ser iniciado, estimulado e desenvolvido por sinais óticos e acústicos em espaços virtuais – na verdade em espaços virtuais de aprendizagem. Estes espaços virtuais de aprendizagem diferem de muitas formas dos espaços reais de aprendizagem. O mais importante de tudo: são infinitos. A ausência de limites, a incerteza, insensibilidade e ‘vacuidade’ do espaço visto em perspectiva ‘atrás’ da tela do monitor provavelmente causa a maior impressão no observador. Isso sinaliza um espaço *além* das experiências de aprendizagem que podem ser obtidas em locais de aprendizagem anteriores.

Da mesma forma que a experiência vivida diante da tela do computador ou numa sala 3 D não deixa de ser real no mais físico sentido da palavra, não podemos viver em função de uma estrutura rígida de modelos, teorias, classificações, nomenclaturas ou terminologias cibernéticas em educação. Do contrário, ela acabará reduzida a uma parafernália antropofágica e desumanizadora.

A EaD e as TIC’s aplicadas à educação, como todas os mediadores da história humana, não sendo boas nem más em si, têm o *potencial* (ou a virtualidade) de se tornarem uma grande oportunidade para se repensar a própria educação desde suas estruturas, seus fundamentos filosóficos e éticos, até a sua viabilização em sala de aula e fora dela.

Urge agora não criar mais e melhores *tecnocratas* do ensino, com o potencial de se tornarem perigosos *sucataEaDores* da educação. O que precisamos é formar educadores que em sala de aula e fora dela não usam só a mente e os saberes científico-tecnológicos para educar, mas principalmente, o *coração*, o que envolve a *emoções*, *intuição* e *criatividade*. Somente assim, assumindo integralmente sua humanidade, poderão provar-se “insubstituíveis” em relação às tecnologias.

Poderão assim, potencializar ainda mais as suas competências tirando o maior proveito das TIC’s para melhoria constante da sua práxis educacional. Desta forma farão a maior diferença numa sociedade que corre o constante risco de desumanização e em decorrência, de perda virtual do sentido de sua própria existência nesse mundo.

Referências

2º CICLO de Seminários Internacionais, **Educação no Século XXI: modelos de sucesso**, Rio de Janeiro: Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados/Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo- Sesc-Senac, 2009.

BELLONI, Maria Luiza, **Educação à Distância**, 2a. ed., Campinas (SP): Autores Associados, 2001.

CÔRREA, Juliane. **Educação a distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

GONZALEX, Mathias, **Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância**, São Paulo: Avercamp, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. **Revista Brasileira de Educação**, n.8, maio, 1998.

____. **Educação e tecnologias**, Campinas: Papirus, 2007.

LÈVY, Pierre. “Nova relação com o saber”. disponível em: <www.cti.furg.br/~marcia/levy1.htm>. acesso em: 03/05/2007.

____, **O Que é o Virtual**, São Paulo, Editora 34, 1996.

____, **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 1999.

LITTO, Frederic M. (org.) **Educação a Distância: O Estado da Arte**, São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LITWIN, E. (org.). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

MORAN, José Manuel et al., **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**, Campinas: Papirus, 2000.

____, “Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil”, disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>>, acesso em 24.06.2009.

MUNHOZ, Antonio Siemsen, **Tecnologias aplicadas à Educação: Educação e Tecnologia na Sociedade da Informação**, Curitiba: FacInter, Ibpex Editora, C2002 (Col. Educação a Distância; 6).

PIEPER, Josef “Estar certo enquanto Homem: as virtudes cardeais redescobertas” publicação eletrônica disponível no site da Editora Mandruvá. <http://www.hottopos.com.br/videtur11/estcert.htm>, atualizado 14 de dezembro, 1999.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001.

PRETI, Oreste (org.), **Educação a Distância**, Brasília: Líber-livro editora, 2005.

SARTORI, A. S.; ROESLER, Jucimara. **Educação superior a distância**: Tubarão: UNISUL, 2005.

SOUZA, Renato Rocha, “O que é, realmente, o virtual?”, disponível em <<http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html>>, acesso em 06.05.2009.